

O NILISMO EM NIETZSCHE: UMA LEITURA DELEUZEANA

Ícaro Souza Farias*

Resumo: Este texto trata do niilismo na filosofia de Nietzsche, pensando-o a partir da interpretação de Gilles Deleuze. Para tanto, o livro *Nietzsche e a filosofia* do filósofo francês será a referência a partir da qual será desenvolvido este artigo.

Palavras-chave: Nietzsche. Niilismo. Deleuze.

THE NIHILISM IN NIETZSCHE: A DELEUZIAN READING

Abstract: This text deals with nihilism in Nietzsche's philosophy, considering it based on Gilles Deleuze's interpretation. Therefore, the book *Nietzsche and the philosophy* of the French philosopher will be the reference from which this article will be developed.

Keywords: Nietzsche. Nihilism. Deleuze.

Introdução

É bastante célebre a afirmação do filósofo e sociólogo Karl Marx, quando diz que o motor da história é a luta de classe. Para Marx, é graças ao conflito entre as classes (patrícios e plebeus, senhores e escravos, burgueses e proletários) que a história se transforma. Deleuze amparando-se em Nietzsche, no entanto, entende que não seria a luta de classe o motor da história, mas sim o *niilismo*, cujo termo provém de *nihil* que significa, em linhas gerais, *nada*, *ausência de sentido*. O conceito de *niilismo* é um dos conceitos mais relevante na obra de Nietzsche, principalmente a partir da década de 1880, onde a temática se desenvolve de maneira robusta.

O filósofo francês Gilles Deleuze em sua obra *Nietzsche e a filosofia* debruça-se sobre o problema do *niilismo* na obra do filósofo do martelo. Conforme Deleuze, *niilismo* significa, em suma, valor de nada, isto é, a vida depreciada, desqualificada, negada. Deleuze interpreta e expõe o desenvolvimento do *niilismo* em etapas, a saber, *negativo*, *reativo* e *passivo*. Para ele,

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF/IFCS/UFRJ). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (PFI/UFF). Graduado em Filosofia Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor efetivo da Educação Básica (ensino médio) do Estado da Bahia. Contato: ikrofarias@hotmail.com.

todos esses três representam o *niilismo incompleto*, aquele que em última instância presta desserviço à vida porque cultiva valores que a negam, como a crença em verdades superiores – Deus, salvação, danação eterna, necessidade de corrigir a vida. Nas três etapas mencionadas, os niilismos se diferenciam qualitativamente, cada um expondo uma face da negação da vida. No entanto, eles convergem na própria negação.

1 As etapas do niilismo e a necessidade superá-lo

É, particularmente, nos *Fragmentos* do verão de 1880 que o *niilismo* ganha *status* de problema filosófico em Nietzsche, digno de profunda reflexão. A leitura de Paul Bourget¹ é significativa para as análises de Nietzsche. Em seus romances Bourget alude à transição do romantismo francês para os tempos modernos, evidenciando a decadência e a fragmentação social da modernidade, o que se torna referência fundamental para a investigação nietzschiana do *niilismo* (Cf. VOLPI, 1999, p. 45). Porém como defende Müller-Lauter, Nietzsche compreende o *niilismo* como algo mais amplo, como algo que acompanha o homem desde que lhe foi imputado o dever moral:

De modo mais unívoco que Bourget, Nietzsche abarca as multifacetadas “aparições da doença” sob o nome de niilismo. Sabe-se até onde ele perseguiu a história da doença do europeu moderno em suas considerações sobre a filosofia da história. Ao olhar para ela retrospectivamente, pode-se dizer: o nascimento do homem moral é o começo do niilismo ocidental (MÜLLER-LAUTER, 2011, p. 124).

Para Deleuze, em Nietzsche a história do ocidente é a história de diferentes tipos de *niilismo*: *niilismo negativo*, *niilismo reativo*, *niilismo passivo*: cada tipo expressa valores que, por sua vez, expressam formas de se relacionar com a vida.

O *niilismo negativo* – que consiste na negação da finitude em favor da eternidade de um *além-mundo* - é o que Nietzsche encontra no momento da consolidação da metafísica, na filosofia socrático-platônica, e no cristianismo, pois “cristianismo é platonismo para o ‘povo’”

¹ Paul Charles Joseph Bourget (1852-1935), escritor e crítico literário francês.

(NIETZSCHE, 2010b, p. 8²), famigerada frase que se encontra no prólogo de *Além do bem e do mal*. De certa forma, cristianismo e *platonismo* se equivalem, pois veem o mundo a partir de um mesmo registro metafísico. A terceira dissertação de *Genealogia da moral* retrata uma personificação deste tipo de *niilismo*, o *niilismo negativo*, o *sacerdote ascético*: o asceta nega o mundo terreno em prol de outro, o transcendente. Neste sentido, diz tanto *não* quanto *sim*; nega e afirma, ao mesmo tempo: diz *não* à vida, mas também diz *sim*, tendo uma visão dualista, diz *sim* à vida supraterrrestre e *não* à vida terrena, corpórea. O ódio à finitude é inoculado no homem, o desprezo contra o corpo e a vida mesma tornar-se um imperativo. Quanto ao *niilismo negativo* Deleuze afirma:

A consciência cristã é a consciência judaica invertida, revirada: o amor à vida, mas como vida reativa, tornou-se o universal; o amor tornou-se princípio, o ódio sempre vivaz aparece apenas como uma consequência desse amor, o meio contra aquilo que resiste a esse amor (DELEUZE, 2018, p. 197).

Embora o *niilismo negativo* tenha medrado a partir de Sócrates e Platão, Deleuze interpreta que o cristianismo tornou-se o principal fiador dessa modalidade niilista, que denega a realidade efêmera, mas subscreve o mundo transcendente.

Crítico de seu tempo, Nietzsche identifica outra forma de *niilismo* – o *niilismo reativo*, cuja origem se encontra num dos maiores acontecimentos da modernidade, a *morte de Deus*, anunciado no aforismo 125, de *A gaia ciência*:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós os matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos

² Todos os grifos, nas citações de Nietzsche ao longo do texto, pertencem ao seu autor e estão contidas nas obras utilizadas.

continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! (NIETZSCHE, 2012, p. 137, grifos do autor).

Este aforismo – *O homem louco* – Nietzsche descreve o *niilismo* próprio da modernidade. No aforismo, um homem procura Deus, pois certamente não lhe parece mais clara e evidente sua existência, mas ninguém o ampara; pelo contrário, com zombaria, todos fazem com que ele tenha que dar conta de seu desamparo: “Nós o matamos”, todos os homens são responsáveis pela *morte de Deus*.

Ora, qual é o significado da *morte de Deus*, em Nietzsche? Ao falar da *morte de Deus*, Nietzsche está descrevendo, ou melhor, constatando o maior efeito das transformações históricas que desaguam na modernidade. A *morte de Deus* significa uma mudança da visão humana sobre o mundo, promovida, sobretudo, pela ascensão da ciência. As descobertas científicas desencadeadas por Kepler, Copérnico³, Galileu – como, por exemplo, a insustentabilidade do geocentrismo – colaboraram para o desmoronamento dos valores divinos, proclamados como universais. Somado às transformações econômicas, históricas e culturais, o trabalho dos cientistas, instituindo um novo tempo, dão ao moderno a “esponja para apagar o [...] horizonte” (NIETZSCHE, 2012, p. 137), o horizonte das verdades metafísicas no qual sedimentamos nossas esperanças.

Se o *niilismo negativo* do *platonismo* e do cristianismo se constitui a partir da crença em categorias metafísicas – *ser*, verdade e transcendência, principalmente – e em valores divinos, o *niilismo* contemporâneo à *morte de Deus* caracteriza-se pela desvalorização desses valores supremos: “todos os valores com os quais até agora procuramos tornar o mundo estimável para nós e afinal, justamente com ele, o *desvaloramos*, quando eles se demonstram inaplicáveis” (NIETZSCHE, 1978 p. 389). Com o advento da modernidade, decorrente de todas as transformações científicas, políticas, econômicas, as antigas categorias da metafísica passam a ser, em princípio, dispensáveis às tentativas de compreensão do mundo e do

³ “Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro – para onde? Rumo ao nada? Ao ‘*lancinante* sentimento do seu nada’?...Muito bem! Não seria este o caminho reto – para o *velho* ideal?” (NIETZSCHE, 2010a, p. 133).

homem. Segundo Deleuze, o *niilismo reativo* pode ser definido de um ponto de vista histórico, como uma virada da consciência europeia.

A vida reativa no lugar da vontade divina, o Homem reativo no lugar de Deus, o Homem-Deus e não mais o Deus-Homem, *o Homem europeu*. O homem matou Deus, mas quem matou Deus? O homem reativo, “o mais feio dos homens”. A vontade divina, a vontade de nada, não tolerava outra vida a não ser a vida reativa; esta não tolera nem mesmo a Deus, não suporta a piedade de Deus, toma seu sacrifício ao pé da letra, o asfixia na armadilha de sua misericórdia. Ela o impede de ressuscitar, se senta sobre a tampa. Não há mais correlação entre vontade divina e a vontade reativa, mas deslocamento, substituição de Deus pelo homem reativo (DELEUZE, 2018, p. 197, grifos do autor).

Como consequência da *morte de Deus*, Nietzsche vê esse outro tipo de *niilismo*, o *niilismo reativo* que almeja “colocar no lugar” do *Deus morto* outros valores que possam “substituí-lo”. O homem, depois que desaprendeu acreditar em valores eternos, procurou, “segundo o velho hábito, por outra autoridade, que *soubesse falar incondicionalmente e pudesse comandar alvos e tarefas*” (NIETZSCHE, 1978, p. 389). A crença no progresso – ideia essencialmente moderna –, a busca por uma sociedade igualitária, a necessidade da equivalência dos direitos, a fé na ciência são, para Nietzsche, sinais desse *niilismo reativo*. Em outras palavras, ao destronar Deus, o homem procura encontrar a verdade, ainda que desprovida de sentido transcendente. No *niilismo reativo* o homem é o sucedâneo de Deus, ele ocupa o lugar de Deus. Sobre isso, escreve Deleuze,

a adaptação, a evolução, o progresso, a felicidade para todos, o bem da comunidade; o Homem-Deus, o homem moral, o homem veraz, o homem social. São esses os valores novos que nos são propostos em lugar dos valores superiores, são esses os personagens novos que nos são propostos em lugar de Deus (DELEUZE, 2018, p. 193).

Se *niilismo negativo* e *niilismo reativo* são diferentes, no entanto, Nietzsche percebe, entre eles, uma continuidade: a despeito da *morte de Deus*, o homem não deixou a necessidade da verdade ou a *vontade da verdade*⁴, ou seja, continuou crendo na verdade.

⁴ “Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra!” (NIETZSCHE, 2012, p. 126).

Apesar de *reativo*, o *niilismo* moderno não se distancia radicalmente do primeiro tipo, o *niilismo negativo*, porque ainda resguarda a crença na verdade. A ciência, em princípio, capaz de expurgar de seus procedimentos qualquer alusão à metafísica, não está numa posição tão diferente do *platonismo* e do *sacerdote ascético*: “ambos, ciência e ideal ascético, acham-se no mesmo terreno” (NIETZSCHE, 2010a, p. 131). A ciência também acaba se revelando como uma expressão do asceticismo, na medida em que conserva a vontade de verdade.

Há, pois, uma proximidade entre o pensamento científico e o ascético. Obviamente, não possuem exatamente os mesmos procedimentos nem operam da mesma forma. Que analogia, portanto, há entre eles? Eles resguardam “(mais exatamente: na mesma crença na *inestimabilidade*, *incriticabilidade* da verdade)” (NIETZSCHE, 2010a, p. 131). A fé da ciência é, em certa medida, aparentada à fé da metafísica: a ciência mantém a necessidade da verdade – a “sombra” de Deus – como algo a ser encontrado. Assim, preserva-se a crença em um *em si*. O homem moderno, apesar de *matar* Deus, ainda conserva a ideia de verdade, pela crença no progresso e, inclusive, por meio da ciência, que afirma a oposição entre verdadeiro e falso. Neste sentido, o moderno diz um *Sim* que não é pleno, e diz um *Não*, que impede a afirmação total da vida.

As propostas modernas de progresso científico, de igualdade dos direitos sociais, do socialismo são, para Nietzsche, sintomas de *decadência*. Se a defesa do “nivelamento” dos homens implica a eliminação das diferenças, como tentativa de aplainar o que diverge, as alternativas de superação da metafísica não foram bem-sucedidas e o homem moderno continua decadente, um homem fragmentado, dividido, que não consegue afirmar a vida em sua totalidade: “O homem moderno constitui, biologicamente, *uma contradição de valores*, ele está sentado entre duas cadeiras, ele diz Sim e Não com o mesmo fôlego” (NIETZSCHE, 2009, p. 45). Do mesmo modo age o asceta, que diz *sim* a um mundo transcendente e *não* à vida e a seu caráter finito.

Com a *morte de Deus*, a modernidade corre perigo: nela se abre a possibilidade do *niilismo passivo*, representado pela personagem do *adivinho*, no capítulo *O adivinho*, de *Assim falou Zaratustra*, cujo anúncio Nietzsche faz da seguinte forma:

E vi descer sobre os homens uma grande tristeza. Os melhores se cassaram de suas obras [...]. E de todos os montes ecoou: “tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi” [...]. Todo trabalho foi em vão, tornou-se veneno o nosso vinho, o mau olhar cretouse nossos campos e corações [...]. Em verdade, ficamos

cansados demais para morrer; ainda estamos acordados e prosseguimos vivendo – em sepulcros (NIETZSCHE, 2011, p. 127-128).

O *niilismo passivo* representa o total fastio, a absoluta descrença do homem na vida e no próprio homem. O *niilista passivo* não nega um mundo em detrimento de outro nem coloca no lugar de valores divinos valores humanos; é a personificação da desesperança e da total descrença no homem; para ele, nada vale a pena (Cf. MACHADO, 2011, p. 241).

Para Nietzsche, a história da filosofia e da cultura ocidental é a história desses três diferentes tipos de *niilismo*. Todos os tipos de *niilismo* – *negativo*, *reativo* e *passivo* – são, para Nietzsche, *niilismos incompletos*. Para superá-los, é necessário um movimento contrário em que a vida seja plenamente afirmada e cada instante considerado digno de ser vivido eternamente. Em algumas passagens dos textos da década de 1880, Nietzsche defende que somente um *niilismo ativo* e *completo* poderia realizar tal superação.

O *niilismo* decorrente da *morte de Deus* provoca uma crise sem precedentes, cujas consequências são determinantes para o homem e a ele impõe as alternativas distintas diante da vida: ou uma vida ascendente, plena de potência, ou uma vida decadente, que perece por não suportar o peso da finitude. Porém, “o valor de uma tal crise é que ela purifica” (NIETZSCHE, 1978, p. 393). Esta crise é uma nova possibilidade para distinguir as formas de vida afirmativas das negativas e “põe em marcha uma *ordenação hierárquica das forças*, do ponto de vista da saúde [...]” (NIETZSCHE, 1978, p. 393). Sendo a *morte de Deus* um acontecimento radical para a condição humana, para superar o vazio deixado pelo óbito divino, é necessária outra atitude frente à existência, o que, por sua vez, exige um novo *tipo* de homem ou uma nova concepção de homem.

No capítulo “Como o ‘mundo verdadeiro’ acabou por se tornar uma fábula”, de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche mostra, sinteticamente, em seis tópicos, a história da filosofia e também do *niilismo*: 1) “o mundo verdadeiro, alcançável para o sábio, o devoto, o virtuoso – ele vive nele, ele é ele” (NIETZSCHE, 2010c, p. 31): aqui, a postulação da existência de outro mundo e a possibilidade de acessá-lo por meio da virtude, da sapiência, cujo sentido teórico ganha lastro no *platonismo*; 2) “O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (‘para o pecador que faz penitência’)” (NIETZSCHE, 2010c, p. 31): aqui, o *platonismo* acessível ao povo, isto é, o cristianismo, com o culto do pecado; 3) “o mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um

imperativo” (NIETZSCHE, 2010c, p. 32): trata-se agora do projeto kantiano que, apesar de crítico, resguarda o mundo inteligível, tornando-o inacessível; 4) “O mundo verdadeiro – alcançável? De todo modo, inalcançado. E, enquanto não alcançado, também *desconhecido* [...] (manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. Canto de galo do positivismo.)” (NIETZSCHE, 2010c, p. 32): a crença na ciência, no progresso, fundamentos precípuos da ciência e do positivismo; 5) “‘O mundo verdadeiro’ – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada” (NIETZSCHE, 2010c, p. 32): pela primeira vez no aforismo, Nietzsche utiliza aspas quando se refere ao “mundo inteligível”. Neste item, o “dia claro”, o *bon sens* que retorna pelos *espíritos livres*; 6) No sexto e último tópico, Nietzsche defende o que quer com sua filosofia – a *filosofia trágica* – e assinala sua crítica contra a metafísica e o *niilismo*:

Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não! *Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!* (Meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCIPT ZARATUSTRA [começa Zaratustra]). (NIETZSCHE, 2010c, p. 31).

Com a destruição do *mundo verdadeiro* também ocorre a aniquilação do *mundo aparente*. Então, quer dizer que nada resta desse “processo demolitório”? Nietzsche está endossando a negação de todas as coisas? Não! O raciocínio consiste justamente na indicação da possibilidade de superação dos dualismos metafísicos, da verdade e dos valores morais entendidos como absolutos. Não se trata de negar, por exemplo, a razão em nome do corpo ou o *mundo inteligível* em nome do *mundo sensível*. É um equívoco pensar que o intento de Nietzsche reside na mera inversão do que ele entende por *platonismo*. Se assim fosse, permaneceria encarcerado no registro metafísico, na medida em que conservaria os dualismos: é necessário ultrapassar as dicotomias estabelecidas pela metafísica. Abolidos o *mundo verdadeiro* e o *aparente* e, portanto, a verdade, não é mais possível pensar a vida a partir da perspectiva dualista e, muito menos, instituir os valores a partir dela.

2 É possível suplantar o niilismo?

Para Deleuze, o *niilismo* é poderoso, seu poder se exerce como depreciação da própria vida, como vontade de nada. Em face do exposto, faz-se necessário questionar: como se

esquivar, ou melhor, superar a condição niilista? Ou como anota o próprio Deleuze: “como vencer o niilismo? Como mudar o próprio elemento dos valores, como substituir a negação pela afirmação?” (DELEUZE, 2018, p. 218). Seria possível encontrar uma forma de suplantar o *niilismo*? Nietzsche, além de apontar criticamente para as formas niilistas acima expostas, também indica a possibilidade superá-las? Seguindo o raciocínio, Deleuze arremata: “Observa-se que, para Nietzsche, todas as formas do niilismo analisadas anteriormente, mesmo a forma extrema ou passiva, constituem um niilismo *inacabado, incompleto*” (DELEUZE, 2018, p. 218).

Sendo um *niilismo inacabado*, haveria outro completo? Seria o próprio *niilismo* a condição de sua própria superação? “Com efeito, o niilismo é vencido, mas vencido *por ele mesmo*” (DELEUZE, 2018, p. 218-219). Segundo Deleuze, Nietzsche radicaliza o *niilismo*; contudo, não como negação da vida. Uma das propostas de Nietzsche é, então, pensar a superação do *niilismo* pela intensificação do próprio *niilismo*, por um *niilismo ativo, completo*, capaz de afirmar, sem reservas, a existência. A superação da negação da vida, do fastio, do nojo demanda uma atitude extrema, uma nova *perspectiva* frente ao mundo e à condição humana: “posições extremas não são revezadas por posições comedidas, mas outra vez por extremas, mas inversas” (NIETZSCHE, 1978, p. 391). Estamos aqui diante de uma transmutação cujo sentido outrora radicado da negação da vida, deve doravante conhecer seu aspecto afirmativo.

A outra face da vontade de potência, a face desconhecida, a outra qualidade da vontade de potência, a qualidade desconhecida: a afirmação. E a afirmação, por sua vez, não é apenas uma vontade de potência, uma qualidade de vontade de potência, ela é *ratio essendi da vontade de potência em geral* (DELEUZE, 2018, p. 220, grifos do autor).

O caráter afirmativo é *ratio essendi da vontade de potência*⁵, isto é, é sua razão de ser. Considerando as fases do *niilismo*, *negativo*, *reativo* e *passivo*, nelas é a vontade de nada que prepondera. Nelas a *vontade de potência* se retrai e é negada. Nas três fases o sentido

⁵ *Vontade de potência* é um conceito que aparece tardiamente na obra publicada de Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra* (1885). Nietzsche identifica *vontade de potência* à vida. Tal vontade se manifesta em todo ser orgânico, expressando-se em cada célula, tecido e órgão. A *vontade de potência* procura exercer seu domínio. Ao assim proceder encontra óbices. Frente aos obstáculos a *vontade de potência* deflagra conflitos com vistas a se efetivar. Assim, a peleja não tem *telos*, não almeja um objetivo final, senão a própria necessidade de exercer domínio.

afirmativo da *vontade de potência* é preterido, não encontra chancela. Como a negação cede lugar a afirmação? Como a *vontade de potência* assume papel afirmativo?

A destruição ativa significa: o ponto, o momento de transmutação na vontade de nada. A destruição se torna *ativa* no momento em que, estando rompida a aliança entre as forças reativas e a vontade de nada, esta se converte e passa para o lado da *afirmação*, se relaciona com uma *potência de afirmar*, que destrói as próprias forças reativas (DELEUZE, 2018, p. 221-222).

Podemos dizer que a *vontade de potência* opera um movimento inflexivo. A inflexão da *vontade de potência* ocorre na medida em que o pacto com os valores que depreciam a vida é rompido. Deleuze recenseia os aspectos que concentram a significação dessa transmutação.

1) Os valores depreciativos são proscritos, não há mais lugar para a negação da finitude, do mundo. Aqui a vida não é mais julgada por um valor superior, que persistentemente busca corrigir a vida partindo de uma instância metafísica. 2) A *vontade de potência* não mais é pensada como até então foi conhecida (regida pelos valores depreciativos), mas compreendida como ela é, em seu caráter afirmativo. 3) A partir daí a negação se põe a serviço da afirmação, subordina-se a ela. Por quê? Aquele que nega os valores que denegam a existência, que rejeita os valores sacralizados pela metafísica, se coloca em defesa da afirmação. Assim, seu ato de negar transformar-se em seu afirmar. Negar se torna, portanto, condição *sine qua non* para a efetivação da potência afirmativa. 4) O que rege a *vontade de potência* se torna seu caráter afirmativo. A negação quando aparece, está sob o domínio da afirmação. O fraco se converte em forte, a dor em júbilo, pois o sentido qualitativo da *vontade de potência* é a afirmação. 5) Os valores que foram até então coroados como soberanos são alvos da mais forte crítica; a negação deles culmina em afirmação. O projeto iconoclasta aqui se faz presente: os valores historicamente consagrados são negados, mas negados em benefício da afirmação da vida. 6) Todos os valores tornam-se afirmativos. Todas as forças se convertem em ativas.

Mas qual afirmação seria essa que se pretende efetivar? Teria Nietzsche usado a personagem do asno, em *Assim falou Zaratustra*, como parâmetro para seu intento da superação dos *niilismos* (negativo, reativo e passivo)? Na seção “Do espírito de gravidade”, em *Assim falou Zaratustra*, o principal atributo do asno é apresentado, ou seja, a capacidade de dizer sim: “Mas tudo mastigar e digerir – isso é uma autêntica maneira de porco! Sempre dizer ‘I-A’ – isso apenas o asno aprendeu, e quem tem seu espírito!” (NIETZSCHE, 2011, p.

185). Nietzsche usa “I-A” como o relincho do asno, que corresponde com a emissão sonora do sim em Alemão – *ja*.

Seria o asno o protótipo do homem afirmativo como Nietzsche o concebe em perspectiva dionisíaca? Deleuze adverte que o asno aparenta um caráter afirmativo, o seu sim parece uma afirmação plena da vida. “Na verdade, não é isso; sua aparência é dionisíaca, mas toda sua realidade é cristã” (DELEUZE, 2018, p. 225). Afirmar tudo, tudo aquiescer não é a afirmação almejada pela sabedoria dionisíaca que Nietzsche anuncia e advoga. Quais são então as características do asno? Deleuze dissecou a natureza do relincho do asno, sublinhando “a humildade, a aceitação da dor e da doença, a paciência para com aquele que castiga, o gosto pelo verdadeiro [...]” (DELEUZE, 2018, p. 229). Em outras palavras, o afirmar que desconhece a negação não passa de subserviência. O asno não está habilitado a dizer sim, porquanto o sim que dá também é concedido ao que é negativo para a vida, ao que é para ela degenerativo.

O sim que Nietzsche endossa como superação dos *niilismos* adversários da vida está no saber dionisíaco, como o próprio filósofo anuncia no final de *Crepúsculo dos ídolos*.

O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no *sacrifício* de seus mais elevados tipos – a *isso* chamei dionisíaco, nisso vislumbrei a ponte para a psicologia do poeta *trágico*. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante sua veemente descarga – assim o compreendeu Aristóteles –: mas para, além do pavor e da compaixão, *ser em si mesmo* o eterno prazer do vir-a-ser – esse prazer do vir-a-ser – esse prazer que traz em si também o *prazer no destruir* (NIETZSCHE, 2010c, p. 106).

Fica patente que a afirmação propugnada por Nietzsche está associada a uma potência destrutiva. Afirmar não significa legitimar todos os valores indiscriminadamente, pois há valores que depõem contra a vida, que obstruem a *vontade de potência* de se expressar. Por isso o sim do asno não pode ser assentido como afirmação dionisíaca. “O sim dionisíaco, ao contrário, é o sim que sabe dizer não: é a afirmação pura; venceu o niilismo e destituiu a negação de todo poder autônomo, mas porque colocou o negativo a serviço das potências de afirmar” (DELEUZE, 2018, p. 234). Para Deleuze, a afirmação defendida por Nietzsche se traduz em criar, e não em carregar, ou suportar. A afirmação assumida como criação é o autêntico dizer sim dionisíaco.

A tese de Nietzsche se resume assim: o sim que não sabe dizer não (sim do asno) é uma caricatura da afirmação. Precisamente por dizer sim a tudo o que é não, por suportar o niilismo, ele permanece a serviço da potência de negar como do demônio, cujos fardos ele carrega todos. O sim dionisíaco, ao contrário, é o sim que sabe dizer não: é a afirmação pura; venceu o niilismo e destituiu a negação de todo poder autônomo, mas porque colocou o negativo a serviço das potências de afirmar (DELEUZE, 2018, p. 234).

É possível suplantar o niilismo? Para Nietzsche a resposta é sim. Mas este sim está associado ao dizer não a tudo que é deletério para vida. Ao acolher o não, nesse sentido, a afirmação dionisíaca se faz absoluta, pois nega o que pode promover o fracasso da vida. Em síntese, a negação a serviço da potência afirmativa: eis o caráter da afirmação plena, que quando nega visa afirmar. A afirmação dionisíaca, como Nietzsche a pensa, transmuta a negação em afirmação porque dispõe do ato de negar como arma contra valores que estiolam o homem. Quando Nietzsche propõe afirmar até mesmo os aspectos lúgubres, sombrios e terríveis da existência é porque entende que tudo isso compõe a existência. A tentativa de extirpar o que há de tétrico na realidade é, ao fim e ao cabo, uma necessidade de corrigir o real – pensamento tão caro à tradição metafísica desde Sócrates e Platão. A superação do niilismo só pode ocorrer com uma *démarche* positiva, afirmando até mesmo o que acarreta sofrimento. A razão é simples: o valor central é a afirmação da vida e em defesa desse valor supremo o sim deve ser total, deve incluir o sim a tudo que há de horrível na afirmação da vida.

Conclusão

Deleuze interpretando Nietzsche concebe o *niilismo* como principal força motriz da história. O *niilismo* como negação da vontade, como vontade de nada, atravessa a história do ocidente, considerando o socratismo e o platonismo como ponto de partida. Em suma, as fases do *niilismo* – *negativo*, *reativo* e *passivo* – depreciam a vida, extirpam dela sua potência afirmadora e criativa, seja negando-a em nome de outra vida para além da imanência (negativo), seja depositando na ciência e na razão a esperança de desvelar a verdade oculta das coisas (reativo), ou mesmo na total desesperança e fastio (passivo). *Niilismos*, segundo Deleuze, *incompletos*.

Mas Nietzsche não se limita em apontar criticamente as formas de *niilismos* que promovem a debilitação, a fraqueza e a impotência; ele também indica a maneira de superar as referidas fases. Nietzsche, para Deleuze, busca um *niilismo completo* capaz de afirmar a vida tal como é.

A verdadeira afirmação não prescinde do não. É também necessário negar, mas negar os valores debilitantes do *niilismo*. Afirmar como faz o asno, em última instância, ratifica o *niilismo*, reabilita-o com a falsa aparência de afirmação. Acolher tudo com aquiescência significa carregar tudo, inclusive o fardo dos valores superiores. A afirmação dionisíaca, contudo, é destrutiva, seu afirmar é também destruir. Por isso quando nega, quando destrói está afirmando, pois está rejeitando os valores que aviltam a vida. O sentido afirmativo da sabedoria dionisíaca é autêntico porque não abre mão de negar, da negação a serviço da promoção da vida.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Unifesp, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1978 (Os Pensadores).

_____. **O caso Wagner**, um problema para músicos. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

_____. **Para a genealogia da moral**; uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar a golpes de martelo**. São Paulo: Companhia das letras, 2010c.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

VOLPI, Franco. **O niilismo**. São Paulo: Loyola, 1999.